

UMA LEITURA DA PEDAGOGIA PANTANEIRA COMO PROTAGONISTA DA PRESERVAÇÃO E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

MARIA LEDA PINTO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL), GIOVANI JOSÉ DA SILVA (UFMS), LÉIA TEIXEIRA LACERDA MACIEL (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL), MÁRCIA MARIA DE MEDEIROS (UEMS), ONILDA SANCHES NINCAO (UEMS), PAULO GOULART JUNIOR (UEMS).

Resumo

A presente comunicação tem por objetivo estabelecer um parâmetro entre as histórias de vida dos habitantes do Pantanal e as campanhas oficiais de preservação e respeito ao meio ambiente. Esses habitantes, vivendo do trabalho no Pantanal sul-mato-grossense, região com características geográficas e sócio-históricas singulares, constitui-se, histórica e socialmente, por meio da riqueza lingüística que se concretiza na convivência com outros falantes do português, das línguas indígenas e com o espanhol, língua presente na interação discursiva do dia-a-dia, resultante do convívio, em regime de fronteira aberta, com o Paraguai e a Bolívia. É por meio do uso da língua, aliado a outros aspectos do contexto social, que o homem constitui-se como sujeito que estabelece vínculos sociais com outros sujeitos e com outras culturas, construindo dessa forma, a sua história e a sua identidade. A questão que se coloca é: em que medida se constrói e se evidencia a preservação ao meio ambiente a partir do discurso dos habitantes do pantanal (indígenas e não-indígenas) em relação às campanhas de preservação do meio ambiente pantaneiro, veiculadas na mídia. O desafio é compreender a pedagogia do homem pantaneiro em relação às questões ambientais em contraponto às campanhas oficiais de preservação ao meio ambiente pantaneiro. Para tanto, foram analisadas histórias de vida do homem pantaneiro no que diz respeito ao meio ambiente, numa perspectiva da Análise do Discurso, da Lingüística Aplicada, da Educação, da Antropologia, da Biologia e da História Cultural. Por meio da análise das campanhas de preservação ao meio ambiente e das histórias de vida dos pantaneiros verificou-se um descompasso entre o discurso do pantaneiro e o discurso oficial do Ministério do Meio Ambiente. Pantanal e pantaneiro são duas realidades diferentes que se fundem e se confundem numa única realidade, realidade singular que, como diz o poeta Manoel de Barros, transvê o mundo.

Palavras-chave:

Leitura, Pedagogia Pantaneira, Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer um paralelo entre as histórias de vida dos habitantes do Pantanal (indígenas e não-indígenas) e as campanhas oficiais de preservação e respeito ao meio ambiente. Os dados que serão apresentados fazem parte de uma ampla investigação a respeito das áreas úmidas do Cerrado mato-grossense e sul-mato-grossense, vinculada ao Projeto de pesquisa Interinstitucional: **Vozes Pantaneiras: O vivido e o narrado nas Histórias de Vida dos Habitantes do Pantanal Sul-mato-grossense - Preservação e Respeito ao Meio Ambiente**[1], registrado no CNPq/UFMT/INAU/PROPP/UEMS/GIRAU[2] .

Esses habitantes, vivendo do trabalho no Pantanal sul-mato-grossense, com características geográficas e sócio-históricas plurais, constituem-se, histórica e socialmente por meio da riqueza lingüística que se concretiza na convivência com

falantes do português, das línguas indígenas e com o espanhol[3] resultante do convívio, em regime de fronteira aberta[4], com o Paraguai e a Bolívia.

Em uma perspectiva discursiva, a linguagem é um modo de ação social fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem e a condição indispensável de apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreenderem o mundo e nele agir. Dessa forma, a linguagem deve ser compreendida em toda a complexidade, que envolve tanto os mecanismos lingüísticos, como também os extralingüísticos. Nesse sentido, o sujeito se constitui na e pela linguagem; constituindo-se nas relações sociais, [...] entendidas estas como espaço de imposições, confrontos, desejos, paixões, retornos, imaginação e construções (GERALDI, 1996: 20).

Tomando por base essa concepção de linguagem e de sujeito, a narrativa em análise foi pensada a partir desses mecanismos lingüísticos e extralingüísticos, que podem apresentar, na materialidade discursiva, as pistas que buscamos da pedagogia pantaneira como protagonista da preservação e respeito ao meio ambiente.

Para alcançar esse objetivo, buscamos na perspectiva teórica da Análise do Discurso (doravante AD), da Lingüística Aplicada, da Educação, da Antropologia, da Biologia e da História Cultural os fundamentos para a análise da história de vida/narrativa de um representante do cenário pantaneiro, nascido no Pantanal, que constitui o corpus da pesquisa^[5]. Esse posicionamento está condizente com as pesquisas na área da Lingüística Aplicada que tem, em uma de suas vertentes (MOITA LOPES, 2006, CAVALCANTI, 2006), o compromisso de oportunizar voz aos sujeitos de pesquisa inseridos nas práticas sociais investigadas.

Assim, alguns aspectos justificam a opção pela voz do homem pantaneiro que já desempenhou quase todos os tipos de trabalhos desenvolvidos nas fazendas pantaneiras. O primeiro deles se deve ao fato de que o peão está sempre na fazenda, sendo, portanto mais fácil dialogar com ele do que com o patrão, que na contemporaneidade, reside nas grandes cidades. A segunda razão é decorrente da primeira, posto que, se o peão é quem realmente vive e convive na região, é ele quem tem o que contar sobre a região e sua atuação enquanto sujeito que age nesse contexto.

Os aspectos socioculturais do latifúndio materializam-se e apoiam-se no poder econômico do proprietário de terras que, na maioria das vezes, faz-se representar pela figura do gerente ou do capataz. Em outros casos, esses latifúndios são gerenciados por grandes grupos empresariais que atuam na região.

A coleta dos dados se realizou por meio de um *Roteiro de conversa com os pantaneiros* elaborado com base nos objetivos estabelecidos para o trabalho. Esse roteiro foi subdividido em três blocos onde buscamos: a) coletar dados pessoais; b) dados sobre o trabalho que executam; c) como se situam e/ou atuam nesse espaço.

Julgamos necessário fornecer elementos esclarecedores sobre o contexto pantaneiro e tecer algumas considerações sobre os pressupostos teóricos que fundamentam a análise, antes de analisarmos esse discurso.

PANTANAIS E PANTANEIROS

O Pantanal constitui-se em uma das maiores áreas úmidas do mundo, formado pelas cheias anuais dos rios que compõem a bacia do Alto Paraguai.

Essa planície se constitui em um conjunto de vários ecossistemas, pois "é o resultado da influência das regiões fitogeográficas da Amazônia, ao Norte; dos Cerrados, a Leste; do Chaco, a Oeste e, da Mata Atlântica, a Sudeste" (MORAES, 2004, p. 06). Os dados geológicos demonstram que o Pantanal ainda se encontra em processo de formação, isto é, de sedimentação (quaternária), oriunda dos rios da Bacia do Alto Paraguai.

A biodiversidade da região oportuniza a caracterização de duas áreas diferentes: o Pantanal alto que compreende as regiões mais altas, onde as enchentes são menos freqüentes e o Pantanal baixo formado pelas partes baixas e depressões, sujeito a inundações periódicas. Essas duas áreas compreendem, na realidade, vários pantanais que, de acordo com Nogueira (1989, p. 26), são resultantes da intrincada rede hidrográfica, formada pelo rio Paraguai e seus tributários, que condicionam a vegetação, a fauna, as condições do solo e a vida do homem que a habita.

Essas sub-regiões - de paisagens diferenciadas, tanto no que se refere aos aspectos naturais, quanto à forma de ocupação humana - apresentam diferentes classificações defendidas por historiadores e estudiosos do Pantanal, bem como por projetos governamentais. Entretanto, em Mato Grosso do Sul, a divisão mais conhecida e/ou citada é a seguinte: Pantanal do Aquidauana, do Paraguai, de Nhecolândia, do Abobral, do Miranda, do Nabileque e do Paiaguás.

O Pantanal apresenta dois aspectos importantes para a sua caracterização: o isolamento em relação às grandes metrópoles do país e a proximidade com dois países latinos (Bolívia e Paraguai), com os quais, tem convivido intensamente. Esse relacionamento possibilitou a assimilação de muitos hábitos e costumes paraguaios, bolivianos e indígenas, ainda hoje presentes no cotidiano do homem pantaneiro.

Esse pantaneiro^[6] que há muitos anos habita o Pantanal aprendeu a conviver com esse mundo inundado, úmido ou seco. É um homem simples, calmo que, mesmo acostumado à solidão e ao isolamento, não deixa de lado a solidariedade: está sempre pronto a receber, a informar, a servir de guia, a explicar sobre animais e águas e a contar seus causos. Parodiando Euclides da Cunha, podemos dizer que o pantaneiro *é antes de tudo um forte*, pois atuando em uma área cheia de adversidades e vicissitudes está integrado a esse contexto.

No que diz respeito às populações indígenas que residem na região pantaneira, Mato Grosso do Sul é um dos Estados da Federação de maior expressividade em termos dessa população, seja pela rica diversidade étnica, seja pelo grande número de pessoas que abriga. No Pantanal deste Estado vivem, atualmente, seis grupos distintos: Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinau, Terena e Xamacoco (RICARDO; RICARDO, 2006). Há grandes contingentes, como os Terena, por exemplo, que perfazem cerca de 20.000 indivíduos, e há aqueles grupos que ainda correm o risco de desaparecer, tais como os Kamba, com menos de 100 pessoas.

Conhecedores da região, esses pantaneiros sabem os perigos que enfrentam, mas sabem respeitar esse espaço e preservá-lo. Desenvolvem um ritmo próprio de trabalho e criam suas próprias ferramentas. Ligado principalmente às atividades da pecuária que são predominantes no Pantanal, tanto do ponto de vista histórico-cultural, quanto sócio-econômico, o pantaneiro desempenha várias funções inerentes à lida com o gado, que vão de peão ou vaqueiro a gerente ou capataz. Atualmente, com o desenvolvimento do ecoturismo na região, começam a surgir outras funções como a de guia turístico e motorista-safari.

Portanto, analisar o discurso desses pantaneiros sobre sua relação com o meio ambiente é ter a possibilidade de conhecer essas vozes, sua identidade discursiva, cultural, as representações que tem do espaço pantaneiro, no que diz respeito à preservação ambiental, estabelecendo um contraponto com as campanhas oficiais de preservação e respeito ao meio.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A presente pesquisa apresenta em sua fundamentação teórica um diálogo interdisciplinar entre a Análise do Discurso, a Linguística Aplicada, a Educação, a Antropologia, a Biologia e a História Cultural. O caráter inovador deste estudo consiste no envolvimento de pesquisadores dessas diferentes áreas do conhecimento, em uma agenda comum, preocupados com as constantes interferências antrópicas ao contexto ambiental do Pantanal sul-mato-grossense.

Dessa perspectiva, conceitos fundamentais considerados pelas áreas elencadas e utilizados na análise serão explicitados a seguir.

O conceito de língua escolhido é o defendido pelo teórico russo Mikail Bakhtin, que compreende a língua como algo concreto, vivo, capaz de dar conta das situações cotidianas de uso, isto é, a linguagem, nessa perspectiva, é uma atividade histórica e social. Outras noções importantes como a de sujeito e de discurso, utilizadas neste trabalho, são próprias da AD. O sujeito, sendo essencialmente histórico, deixa de ser visto como único na instância discursiva, para deixar evidente seu caráter contraditório que "é marcado pela incompletude, anseia pela completude, pela vontade de 'querer ser inteiro'. Assim, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do Outro" (BRANDÃO, 1994:46).

O discurso, por sua vez, é feito de sentido construído em um processo de interação verbal. É "um acontecimento, ou seja, não é previsível, nem necessário. Não é da ordem da estrutura, mas da materialidade, é um fato que acontece" (POSSENTI, 1988: 201 - 2). Para o autor, em análise do discurso, a questão semântica deve ser compreendida como *efeito de sentido* tendo em vista que os enunciados acontecem em determinadas condições de enunciação^[7]. Dessa maneira, para a análise do discurso o contexto histórico-social é fundamental na construção do sentido e estruturação da identidade do homem.

A questão ambiental no discurso do homem pantaneiro (indígena e não-indígena) é considerada, nesta pesquisa, a partir das condições enunciativas que constituem a cultura pantaneira e a interação desse homem com o Pantanal em sua pluralidade ambiental.

É importante lembrar que, nessa perspectiva, toda prática discursiva revela processos de construção identitária (MAHER, 1996, 1998; HALL, 2001). Assim, nesta pesquisa, o conceito de identidade é tomado como uma construção discursiva realizada "em determinados contextos sócio-culturais e históricos, e não como essências derivadas dos conceitos de raça e/ou cultura, como ainda são tão comumente percebidas em nossa sociedade" (NINCAO, 2008:57). Nesse sentido, não se pode lidar com a identidade do homem pantaneiro de forma fixa, mas em constante mudança e influenciada pela nova postura da sociedade com relação à preservação ambiental do Pantanal.

Ao discutir o conceito de identidade indígena, Maher mostra que a indianidade é tanto de ordem sócio-cultural, quanto histórica, sendo assim, ela é um construto essencialmente político e ideológico (Maher, 1996:29). Tomando o discurso do

homem pantaneiro, em análise, é preciso então, estar atento para o caráter político e ideológico presente na construção identitária do "homem pantaneiro" contemporâneo revelada em seu discurso.

Outro aspecto a ser considerado do ponto de vista da educação ambiental, diz respeito ao conceito de "fronteira". Esse conceito evoca várias noções do senso comum, como a de "fronteiras da civilização", as "terras de ninguém" habitadas apenas por "selvagens", prontas para serem "desbravadas" e colonizadas. São noções importantes para a própria formação da identidade nacional dos países colonizados.

Fazendo uma inter-relação do conceito de fronteira e o papel da educação na preservação do meio ambiente, por mais contraditório que possa parecer, o Governo Brasileiro e as Organizações Não-Governamentais tem empreendido esforços e recursos financeiros para desenvolver campanhas estratégicas de gerenciamento da preservação desse *habitat*, apontando para as ações antrópicas que interferem substancialmente na preservação do meio ambiente.

A origem dessa contradição reside no fato de que os pantaneiros (indígenas e não-indígenas), na maior parte das vezes, não são sequer consultados pelos idealizadores das campanhas. Há uma lacuna entre o discurso das campanhas, sua aplicabilidade e a pedagogia vivida e narrada pelo cidadão que reside na região pantaneira em relação aos cuidados com o meio ambiente.

ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Na narrativa analisada (doravante N1), fizemos um recorte, de acordo com o aporte teórico da AD, da Linguística Aplicada, da Educação, da Antropologia, da Biologia e da História Cultural, destacando as concepções que se fizeram notar, de forma mais marcante, nas vozes do pantaneiro[8], para verificar de que forma sua prática discursiva revela a construção identitária desse homem pantaneiro que interage com o meio ambiente. Estabelecemos um paralelo entre essas vozes dos habitantes do Pantanal e as campanhas oficiais de preservação e respeito ao meio ambiente, notadamente, as ações antrópicas identificadas na Bacia do Alto Paraguai[9]

Para tanto, a questão que se coloca é: em que medida se constrói e se evidencia a preservação ao meio ambiente a partir do discurso dos habitantes do pantanal (indígenas e não-indígenas) em relação às campanhas oficiais de preservação ao meio ambiente pantaneiro, veiculadas na mídia?

Os resultados aqui apresentados são parciais e refletem uma análise inicial sobre os textos, que serão retomados ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Nessa análise procuramos levantar os aspectos relacionados às concepções que o pantaneiro tem de si mesmo e do espaço em que vive, mais especificamente, sobre o meio ambiente.

No caso do autor de N1, o sentimento de apreciação e respeito ao espaço pantaneiro: [...] *Aqui, o que eu mais aprecio no Pantanal aqui é:: vê as paisagem florida e:: e a convivência com os animais: [...] convive com... assim, veno os bicho, dia-a-dia, veno... veno onça pintada, veno jaguatirica, veno lobinho, veno tudo. Então, isso aí queu aprecio dentro do Pantanal*, possibilitam a construção de sentido de um discurso com traços fantasiosos. Ao se referir à paisagem como um espaço com características parasidíacas revela, por meio da linguagem, o que na Antropologia é chamado de auto-imagem por Caiuby (1997) em sua obra *Jogo de Espelhos*[10].

Para essa autora, a auto-imagem é determinada pelo modo segundo o qual o indivíduo percebe a si mesmo como objeto da percepção de seu outro. Se, por um lado, o autor de N1, realmente aprecia esse espaço, por outro lado, pode estar reproduzindo o discurso apelativo das campanhas que, na maioria das vezes apresentam o Pantanal como um dos maiores paraísos do Planeta.

Em relação à convivência desse homem com os animais, de acordo com os estudos biológicos, essa proximidade no dia-a-dia, é difícil de ser observada, pois são animais de hábitos noturnos e representam uma ameaça à vida, conforme explicita o autor de N1, em outro trecho da narrativa, referindo-se a uma situação de perigo no Pantanal:

[...] aí no relampiado assim, eu vi que uma onça tava senta no meio da estrada e o cavalo refugô... e eu tava sem esperá, cavalo manso, ele refugô e me joga. Aí eu caí, ainda bem que o cavalo era manso, chegô logo adiante ele parô, né? Aí eu no escuro lá... foi até que eu achei o cavalo, que tava soprano, fui lá peguei ele de novo... e daí no ôtro dia... eu cheguei, consegui chegá na fazenda, aí os pessoal lá vieram no ôtro dia vê ali, ela me seguiu até no portão da fazenda, a onça. Até na chega da fazenda, ela me seguiu.(...) Então, são os perigo que eu já passei no Pantanal...

Esses relatos representam ainda a intensa luta de sobrevivência no contexto pantaneiro, veiculado midiaticamente como um paraíso. Isso reforça a expressão: *o pantaneiro é um forte*.

A preocupação do pantaneiro é antrópica e ambiental, pois atuando em uma área que, em muitas situações, é cheia de adversidades e vicissitudes, está integrado a esse contexto, respeitando a flora e a fauna desse habitat, sobretudo, como forma de sobrevivência e proteção à vida, como se observa neste trecho da N1:

[..] e::: a devastação também que é... o pantanero é contra isso também, né? E todos que vêm lá da serra, (...) vêm de lá, igual aqui o nosso vizinho, que também são uns bom vizinho, né? Mais só que já veio... broqueano já tudo...matano bicho..., porque um correntão daquele mata muito bicho, né? Éh:: éh igual... o pessoal que tão desmatano, né?

[...]a nossa posada aqui, vai ficá num miolo só, de mata e o resto desmatado e nós seno prejudicado, aqui dentro do Pantanal (...)Prejudicado, pelo... pelo seguinte, pelo nosso correntoso memo, aí já vem a cinza, adequada... que já nós somo bem fraco de pexe, essas coisa, piranha aqui. Então, esse (...) já vai começa escorrê pra dentro do rio e vai acabá com o restinho dos pexe que tem, dentro do rio, e::: a mata também, vai ficá muito poco pus bicho e eles vão fugi e procurá um luga mais distante...

Vê-se, assim, a presença do construto político e ideológico em sua construção identitária de "homem pantaneiro" contemporâneo que agrega como valor para si mesmo aquilo que ele sabe ser, hoje, valorizado pela sociedade que sempre o excluiu. Em sua história de vida há relatos de idas e vindas para se inserir na sociedade urbana, sem sucesso:

[...] falei - eu vô voltá prú Pantanal... que ali é meu lugar... e retornei prú Pantanal depois do exército... dei baixa e continuei a vida no campo de novo... de campero...

[...] abandonei a profissão de campero aí... -- casei, aí meu sogro me levô pra Campo Grande... queu num tinha profissão ainda -- (Ele falou) que meu sogro era mestre de obra em Campo Grande... ele foi me ensiná trabalhá de pedrero... aprendi... graças a Deus... né?

[...] fiquei... oito ano dentro de Campo Grande... morano... aí... saí de lá... voltei pra Aquidauana... fui aprendê trabalha cum maquinário... voltei prú Pantanal... trabalhá... e tô até hoje.

Entretanto, essa preocupação se revela como um contraponto ao que é feito pelas agências idealizadoras das campanhas que trazem o discurso da preservação do meio ambiente desconectadas dessas relações do homem com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o paralelo entre o discurso do homem pantaneiro e o das campanhas de preservação ao meio ambiente revela uma grande complexidade, pois ambos expressam representações sociais sobre o "outro", não sendo um discurso transparente, mas repleto de armadilhas. Tais campanhas precisam partir de pesquisas que tragam para o cenário as vozes dos atores, tais como do "homem pantaneiro", foco desta pesquisa, desconstruindo representações, considerando as construções discursivas e seus significados identitários para que seu efeito possa ser sentido por todos que interagem nesse processo.

Esta análise procurou, portanto, voltar-se para o "exterior" lingüístico da narrativa oral desse pantaneiro, buscando apreender as condições sócio-históricas de sua produção - em um paralelo com o discurso das campanhas de preservação ao meio ambiente - sem, contudo, ter a pretensão de esgotar essa questão. Dessa maneira, concluir este texto significa concluir um primeiro contato, uma primeira leitura dos discursos estudados, pois com certeza muitos outros aspectos poderão/deverão ser aqui considerados, à luz da Análise do Discurso, da Lingüística Aplicada, da Educação, da Antropologia, da Biologia e da História Cultural.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3ª edição. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1994, p. 46.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. "Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em lingüística aplicada. Implicações Éticas e Políticas". In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). (2006). **Por uma Lingüística Aplicada INDISCIPLINAR**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp.233-252.

CELANI, Maria Antonieta. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: Paschoal, M.S, Z. e Celani, M. A. **Lingüística Aplicada** . São Paulo: EDUC,1992.

GERALDI, J. Wanderley. **Linguagem e Ensino - exercícios de militância e divulgação**. Campinas-SP: Mercado de Letras - ALB, 1996, p. 20.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A (5ª ed.), 2001.

MAHER, Terezinha Machado. **Ser professor sendo Índio: questões de língua(gem) e identidade**. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado,1996.

_____. "Sendo Índio em Português...". In: Signorini, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/FAEP-Unicamp, 1998, pp. 115-138.

MORAES, A. S.et alli **Embrapa Pantanal: 25 anos de pesquisas em prol da conservação do Pantanal**. Corumbá-MS, 2004. Acesso em?0 jul. 2004>.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INDISCIPLINAR**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NINCAO, Onilda Sanches. **"Kóho Yoko Hovôvo/O Tuiuiú e o Sapo": identidade, biletamento e política lingüística na formação continuada de professores Terena**. 2008. (Tese de Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem.Universidade Estadual de Campinas- Campinas-SP.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **A linguagem do homem pantaneiro**. Assis-SP: UNESP, 1989 (tese de doutorado).

PINTO, M. L. **Discurso e Cotidiano: Histórias de Vida em Depoimentos de Pantaneiros**.2007. 246 f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo -SP.

POTT, Arnildo e POTT, Vali J. Plantas comestíveis e medicinais da Nhecolândia, Pantanal. Corumbá: Pesquisa em Andamento EMBRAPA, n. 4, 7 p. - Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/PA04.pdf%20acesso%20em%2012/08/2007>>. Acesso em: set 1986, às 23h30.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e Navegar - Espaços e Percursos da leitura**. Campinas-SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB, 2001.

SILVA, C. J. da.1996. **O que é o Pantanal?** Cuiabá: FNMA/ UFMT/ Fema/ MPI, 1996. 8 p. (Série Conhecendo o Pantanal, 1).

TASSINARI, A. M. I. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: LOPES DA SILVA; A.; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Fapesp/Global/ Mari, 2001, p. 62.

Implementação de Práticas de Gerenciamento Integrado da Bacia Hidrográfica para o Pantanal e Bacia do Alto Paraguai ANA/GEF/PNUMA/OEA: Programa de Ações Estratégicas para o Gerenciamento Integrado do Pantanal e da Bacia do Alto Paraguai: Relatório Final/Agência Nacional de Água - ANA... [et al.]. - Brasília: TDA Desenho e Arte Ltda., 2004.

[1] Esse projeto de pesquisa se constitui em um dos subprojetos que compõem as atividades do INAU/UFMT/UEMS/CNPq, que, por meio de grupos especializados, visa tratar as questões científicas relativas à região do Pantanal mato-grossense e sul-mato-grossense com uma abordagem integrada sob a ótica das áreas úmidas.

[2] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Universidade Federal de Mato Grosso/Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Áreas Úmidas/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ Grupo de Pesquisa Identidade e Representação em Áreas Úmidas.

[3] Língua presente na interação discursiva do dia-a-dia.

[4] O termo fronteira aberta, neste artigo, refere-se à ausência de barreiras geográficas.

[5] Esse corpus foi coletado e analisado por Maria Leda Pinto, tese de doutorado *Discurso e cotidiano: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros*, defendida na USP, em 2007, sob orientação de Helena H.N. Brandão.

[6] Entende-se, portanto, por homem pantaneiro, neste contexto, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região, assimilados pela força do convívio diário com os mesmos (Conforme NOGUEIRA, 1989, p. 31).

[7] Enunciação aqui é entendida "... como um ato histórico e social. Portanto, não é independente de outras enunciações.[...]Uma enunciação não ocorre no vazio, mas em posições enunciativas prévias aos atos singulares de enunciação e são relativamente estáveis, embora historicamente mutáveis." POSSENTI, 2001 p. 29).

[8] O depoimento foi gravado na Fazenda Santa Emília situada no Pantanal do Rio Negro, onde se desenvolve o turismo, a pecuária e funciona uma Base de Pesquisa pantaneira. O pantaneiro trabalha na fazenda, desempenhando a atividade pastoril e de turismo. A gravação da história (doravante N1) durou cerca de cinquenta minutos e teve poucas interrupções.

[9] Programa de Ações Estratégicas para o Gerenciamento Integrado do Pantanal e da Bacia do Alto Paraguai: Relatório Final/Agência Nacional de Água - ANA... [et al.]. - Brasília: TDA Desenho e Arte Ltda., 2004, p. 64.

[10] A antropóloga Silvia Caiuby Novaes (1997), em sua obra "jogo de espelhos", analisa a relação da etnia Bororo do Brasil Central com o seu Outro, desenvolvendo o conceito de alteridade desses indígenas com os não-indígenas, no movimento dos seus constantes contatos interétnicos.

NARRATIVA ORAL DO SR. A. – NO1

Idade; 53 anos

Residência: Fazenda Santa Emilia - Pantanal

Duração da gravação: 50 min

Éh::: eu vô contá que eu sô o A., né? tenho cinqüenta e três anos... eu fui... nasci e me criei no Pantanal... i:: desde pequeno eu... passei a:: começá estudá... logo que eu me entendi por gente...né? comecei estudá... aí eu num levei a sério o estudo... meus pai me mandô... pra... pra 5 fazenda... me entregô prum tio meu... que era pra mim aprender o trabalho de dia-a-dia no campo... fui aprendê... puxá enxada... fui... aprendê também... roçá com foice... éh:: arrancá toco... com enxadão... pá (...)... antigamente num existia máquina de estera... num existia trator... essas coisa... era na mão mesmo que a gente (destocava) campo aí... pra formá pasto... né? então... eu fui aprendê... fazê esse tipo de trabalho porque eu num queria estudo... éh... o objetivo 10 era... trabalhá assim... eu nunca me importei pra estudo... depois por (...) dos meus pais... eu comecei a estudá mais... mais a culpa foi minha mesmo... né? porque eu queria aprender trabalhá e aprender... né? então aí eu comecei... com ferramenta... aí passei... muntá a cavalo... meu tio era muito rígido... então... (hoje) a primera vêis num (toco)... muntei... caí... ele me deu um (...) fez eu muntá de novo... que era rígido antigamente... a coisa era diferente mesmo... do que vê hoje... 15 né? mais então... amuntei... aí foi ino... após uma semana já comecei... pará em cima do lombo do animal... foi ino... foi ino... foi ino... que eu... gostei... né? e aí eu comecei na lida de campo... que foi ino e foi (...)... aí eu fui... pra... Nhecolândia... que o... finado Rondon... lá eu cabei de me cria... lá com eles... né? que eles me adoravam muito... porque... toda vida eu fui o:: um menino assim... bem educado... né? eh::: eu fui criado junto cum eles... lá na lida de campo... único 20 serviço que eu sabia faze... era puxá enxada... foice... machado... fazê cerca... fazê manguero... essas coisa... antes deu casa... eu sabia faze... né? aí... então fui trabalhano... até... servi o quartel... no quartel eu fui convidado pelo... um cidadão... que ele era major do exército... ele foi convidado pelo (...)... que ele ia ser transferido pru Rio de Janeiro... então ele... ele gostou demais... que eu era (ordenância) dele... né? no quartel... aí eu fui convidado pra í com ele pra 25 lá... que ele ia me dá tudo... roupa... carçado... alimentação... quarto... eu ia ficá... como se fosse um filho dele... né? então eu... num quis... eu falei — eu vô voltá pru Pantanal... que ali é meu lugar... e retornei pru Pantanal depois do exército... dei baixa e continuei a vida no campo de novo... de campero... aí levei uma (rodada) se quebrei tudo... quase morri... foi... fiquei vinte e quatro hora desacordado. Essa é uma das dificuldade e o perigo que a::: o campero::: passa... 30 igual... tem o Seu R. aqui... que trabalha conosco aqui... que toma conta do gado... então ele éh::: o trab... o trabalho dele é arriscado... que no momento que ele tá correndo atrás duma (vaca) ele pode levá uma rodada... sozinho... se quebrá ou enganchá no (...) sair dipindurado sozinho... aí vai... vai a morte... né? í::: aí depois... eu sarei... voltei de novo a trabalhá... nos primeiro dia que eu comecei de novo a trabalhá, levei otra rodada de novo... aí eu falei — bom... essa chega pra mim... aí eu peguei e vendi minha traia de arreo... vendi tudo... e fui trabalhá... fazê cerca... tirá 35 poste... abandonei a profissão de campero... aí... foi quando eu conheci... essa minha esposa... que eu vô fazê trinta ano de casado... né? éh::: aí o meu sogro -- casei, aí meu sogro me levô pra Campo Grande... queu num tinha profissão ainda -- (Ele fal) que meu sogro era mestre de obra em Campo Grande... ele foi me ensiná trabalhá de pedrero... aprendi... graças a Deus... né? agradeço a ele... né? aprendi a trabalhá de pedrero... fiquei... oito ano dentro de Campo Grande... 40 morano... abandonei a fazenda... só que eu num esquecia... sabe... porque... a gente se cria aqui...

num tem jeito de você safá daqui e fala — eu nunca mais vô vorta... aí... safá de lá... voltei pra Aquidauana... fui aprendê trabalha cum maquinário... voltei pru Pantanal... trabalhá... e tô até hoje... só que aí já::: passei a trabalha com maquinário... já era pedrero... né? já... já tinha
45 profissão boa... já né? já era outra pessoa... já... só que o estudo mesmo... nunca me importei... com ele... né? ih::: aí fui trabalhano... com maquinário... fui ino... aí... larguei de maquinário... fui pra::: Fazenda Rio Negro... que hoje lá é uma pousada... né? fui pra lá de pedrero... aí passei pra empresa pra trabalhá de... guia turismo... pra aprende... né? aí lá trabalhei dois anos de guia
50 turismo lá... ih::: aí fui convidado aqui na Pousada... pra vim trabalhá também... como guia turismo... vim pra cá... tô hoje com dois anos também... ih::: o que eu tenho pra falá é que eu num desprezo o Pantanal em (hipótese) nenhuma... porque eu tenho minha casa na cidade mas eu num desprezo o Pantanal... de jeito nenhum... porque aqui eu moro... convivo com... a minha esposa... tenho uma convivência boa... nunca briguei com a minha esposa... nunca tivemo discussão... tenho cinco filhos... éh::: desses quatro já casados... tem a filha que é a caçula... que tá com
55 dezesseis anos e tá estudano... na cidade... a outra minha filha... ih::: meus genros... tudo... estimo eles... que são trabalhador também... inclusive um tá aqui... que é o Davi... né? éh... o Davi é meu genro... eh aquela que trabalha junto com aquela baxinha... aquela pessoa... eh aquela outra éh a... éh a minha filha... então... eu vivo muito contente.. aqui dentro da Pousada... e fora os risco... também que eu passei antes de... (disso) passei muito risco com onça... né? éh::: viajando à
60 noite... cavalo pulá comigo... me derrubá... e eu ficá de a pé no meio de onça... passá aquele (...) e::: então eu... pra... pra... pra onde eu cheguei hoje... eu passei por muita dificuldade... dentro do Pantanal... que antigamente era muito difícil... pra... pru senhores vê... antigamente não existia condução... a condução nossa no Pantanal era... carreta de boi.. que era (cangado)... do Pantanal a Aquidauana... nós gastava uma semana... viajando... éh::: naquele batidão... devagazinho... então era uma semana... de viagem pra... ir já... ia base de::: oito... dez carreta em (cordoadas)... ia fazê a compra... pra... passá o ano... era compra de ano... então... eles gastava semana... enjoava de andá em cima da carreta ía de a pé... burro de carga... ou (...), aí montava de novo... í::: só água naquele mundo... num existia trator... o primero trator que existiu... dentro du Pantanal... foi o trator du Orlando Rondon... um tratorzinho piqueno... du tamanho desse que nós temo aí... foi o
70 primero trator que nós vimo no Pantanal... pra nós foi um... (...)... agora... né? nós já temo condução aqui no Pantanal... né? a gente gostô muito... né? então... foi... éh::: essa aí que... veio a chegá até hoje o (doto)... aquele sofrimento que a gente passo... sofrimento::: assim no modo de dizê que era difícil... né? mais só que::: também era gostoso porque a gente aprendia muito... que hoje... do jeito que eu to... eu posso falá... que eu conheço o Pantanal... porque eu nasci e me criei dentro dele e sei conviver com vários... fazendero... que são grande amigo meu -- fui gerente de
75 fazenda... fui capataz de campo... então... de tudo eu já exprementei na minha vida... a fazenda que eu trabalhei foi a::: a fazenda do::: finado do Rondon... que é onde me criei... né? aí eu trabalhei na::: na Rio Negro... era fazenda de pecuária ainda... eh::: trabalhei também no Paiaguás... também... éh::: duas fazenda lá... tomando conta de (chiqueiro)... trabalhei também...
80 pra lá de Cáceres... perto da divida da Bolívia... éh::: tomando conta de fazenda... também... eh::: aqui perto de Campo Grande... entre Corguinho e::: Rochedo... eu tomei conta duma fazenda... do senhor (Darci) Lobo de Rezende... aí no mesmo tempo... peguei a outra fazenda dele... ele me entregô também... duas fazenda pra mim gerenciá num tempo só... que tem o motorista que ía andá comigo... percorrendo as duas... então... eu sô conhecedô nessa parte tudinha... graças a Deus... eu num me arrependo nem um poquinho de sê um pantanero legitimo... né? e hoje aqui...
85 (...) eu trabalhano como guia e responsável pelas... pelos maquinários e carro... né? Então, o meu dia-a-dia, já... clareia eu já tô pensando de dá uma revisão no... no carro, pá podê fazê o passeio, revisão nos barco também, pá tá tudo em ordem na hora que hóspede chegá, tá tudo em dia.

Então, a gente tem que mexê cedo, porque a hora que chega o horário de fazê os passeio, os barco já tá tudo ok, já tá tudo checado... e os carro mesma coisa, e os motor (estacionário) também, sempre tô funcionano eles, que é pra... na emergência tá tudo em dia. Então, são as... as responsabilidade que eu tenho, que eu uso aqui dentro da UNIDERP e com grande carinho. Éh:: o que eu sinto do... daqui do Pantanal nosso, queu... queu gosto muito de convivê no dia-a-dia aqui dentro do Pantanal, porque é um lugar gostoso, é um ar puro que a gente... respirá todos os dias, não é igual um ar da cidade, que ar da cidade já... uma poluição, né? Então aqui eu me sinto muito bem aqui dentro do Pantanal, por causa que, a gente foi criado aqui dentro, então... éh::: o dia-a-dia com a... com a gerência também queu hoje graças a Deus, nós tamo muito feliz também com o gerente que nós temo aqui, com a esposa dele que é a dona (Tia), também, que tá muito feliz junto com eles, e espero que... a gerência vai longe, né? Ih::: a gente encara o Pantanal assim, no dia-a-dia, cada dia, a gente que::: mostra... pros... cidadãos, que vêm aqui, a gente qué mostra MAis animais e qué explicá a mais, sobre madeira, sobre pranta, sobre... animais, ave, a gente qué expricá tudo esse, pros hóspede que vêm aqui, porque a gente que sabe a definição dele, né? Cada hóspede perguntava pra mim assim: “Ronaldo, que madeira que é aquela lá?” Eu sei fala: aquela lá é uma arueira, aquela é uma piúva, aquela lá é um... é um... pimentera, então, a gente sabe... decifra as madeira, né? E as ave também, a gente sabe decifra tudinho. Outra coisa éh:: éh que aqui o::: o::: a água principalmente, na cidade o pessoal fala assim: é porque você num toma água dos curixu porque (...) tá um perigo de dá um::: uma febre amarela, dá um::: uma diarréia, alguma coisa, mais é por engano. Por engano, porque eu fui criado tomano água de lagoa, né? Fui criado... nunca tive... éh::: Perante, ante deu í pro exercito, nunca senti nem dô de cabeça, nunca. E os remédio no Pantanal sempre é raízes, né? Tem a vassorinha, a vassorinha é boa pá::: machucadura, u::: (gevon) também, é uma pranta também, medicinal também, é boa também pra:: pra (...) machucadura também, ou aquele capim amargoso também, u::: queima ele e tira aquela cinza dele, se cortô o pé, na perna, põe aquela cinza em cima, amarra, ele é também contra pá ficá sangrano, é também ele... estanca sangue, e tem...certo tipo, também pá tosse, né? Pá tosse, forte mesmo, é a raiz de::: (...) com::: caraguatá, que é a raiz do jatobá, então é bom até pá::: pá (pontada) pnomônia também, e a pena de angola também que é propriado pá (pontada) pnomônia também. Então, remédio daqui do::: do, do Pantanal memo, tem VÁrios tipo de remédio, tem remédio de curativo pu sangue também, que é (cancorose), né? Tam vários tipo de remédio aqui no Pantanal nosso, que::: assim, as vêis no momento, a gente esquece os nome dele, né? **Mas o senhor toda vida... sobreviveu, tratando...** Toda vida, sempre – porque, no Pantanal era difícil, né? Então as vêis falava: Ah! Tem o fulano lá, que ele sabe que... que raiz que é bom! Então a gente ia lá, atrás do::: daquele cidadão, que já é mais antigo, né? Ia lá ele arrumava aquela... aquela garrafada de raiz e entregava, falava: daqui uma semana você pode vi aqui, que você tá são! E era... certinho. **Certo?** Certo. Num existia vacina, aqui antigamente, num existia isso... era só remédio de mato mesmo. Dor de cabeça, essas coisa, num... tinha negócio de::: pastilhinha pá tomá, porque tô com dô de cabeça, vô... tomá um remédio. Não, não existia! Era o remédio do mato mesmo, queu – pá dô de cabeça, por exempo tá forte, faz um chá daquela... de::: fedegoso... Fedegoso. Bateu aquilo já... já beleza. Então são essas – Ah! É... sobre é... assombração eu ouvi falá muito, já ouvi... muitas pessoa que correro de assombração, latão rolando atrás, coro, fazeno baruio, fogo, levantano fogo de pé de arve, caino em ôtro lugar, só que eu nunca vi. Nunca. Eu... andava a noite, viajano... até (pudia dizê) a gente falá que queria vê e era doído pra vê essas coisa, o fogo que levanta, mais nunca conseguia. Num sei se é porque a gente é muito confiante a Deus, num sei... pode se isso também, né? Porque nada de... dessas coisa... aparece pra gente. E... o mais, do... a gente... os pantanero memo, (a senhora vê), tem muitos conhecido meu, que hoje ainda trabalha no Pantanal, e eles tão... tem

mais saúde do que eu. Que eu já passei pá cidade, já comecei negócio de vacina, essas coisa... e conheço gente do Pantanal aí que nunca tomou uma injeção... e num sente uma dô de cabeça. **O que o senhor mais aprecia aqui no... no Pantanal? Aqui, o que eu mais aprecio no Pantanal aqui éh:: vê as paisagem florida e:: convivê com... assim, veno os bicho, dia-a-dia, veno... veno**
140 **onça pintada, veno jaguatirica, veno lobinho, veno tudo. Então, isso aí queu aprecio dentro do Pantanal, e::: a devastação também que é... o pantanero é contra isso também, né? E todos que vêm lá da serra, (...) vêm de lá, igual aqui o nosso vizinho, que também são uns bom vizinho, né? Mais só que já veio... broqueano já tudo... nosso Pantanal, matano bicho, porque um correntão daquele mata muito bicho, né? Éh:: éh igual... o pessoal que tão desmatano, né? Por exempo, se**
145 **entra por exempo, um ôtro fazendero, daqui dos fundo vamo sipô, também da serra... qué dizê que aí, aqui a nossa posada aqui, vai ficá num miolo só, de mata e o resto desmatado e nós seno prejudicado, aqui dentro do Pantanal, que é um... centro de pesquisa aqui, né? Prejudicado, a...através professora, pelo... pelo seguinte, pelo nosso correntoso memo, aí já vem a cinza, adequada... que já nós somo bem fraco de peixe, essas coisa, piranha aqui. Então, esse (...) já vai começa escorrê pra dentro do rio e vai acabá com o restinho dos peixe que tem, dentro do rio, e:::**
150 **a mata também, vai ficá muito poco pus bicho e eles vão fugi e procurá um luga mais distante e nós aqui vamo sê prejudicado, porque eles num vão ficá numa área pequena só... é isso aí. O senhor pretende mudar de vida? Tem algum outro objetivo, futuro, sonho? Oia professora, u, u, u sonho que eu tenho, a... a num se... éh::: que nós trabalhamo de guia turismo, o sonho que a gente já ta... realizano um pedacinho dela, é a música...e eu tenho o sonho ainda deu subi,**
155 **algum dia na vida, através da música... porque Deus quisé – eu tenho sonho. E a relação com os vizinhos, como é aqui? Oia professora, aqui a gente – a relação entre os companhero aqui, nós somo mesma coisa que... que uma... uma família, somo bem... todo dia nós arecebe os companheiro, cassuano, brincano, respeitano um ao ôtro, né? Respeitano o serviço de cada um,**
160 **eu sei que é um... um meio de convivência, um – entre uma família, né? Que aqui nós somo uma família, num somo companhero, né? Somo uma família mesmo, isso aí que... eu, o Celso... nós tamo com cinco ano de conhecimento, nós nunca troquemo uma palavra mal, isso aí é muito importante, né? Que nós somo... dois irmão de música, ih::: nós pretende í até o fim da vida... com a música, se Deus quisé, né? E o resto dos companhero também... pra começa... o Davi é**
165 **genro, né? Já é da família, né? A::: tem a dona Neli também, que é uma pessoa excelente, que é a cozinhera, né? E tem o Luiz também, que a gente conhece ele agora poco, mais é um menino muito legal, bom companhero, né? O Ramon, também – que o Ramon ele é primo-irmão meu, né? Então a convivência também já é família já, né? então... o Daniel que entrô agora também, dona (Tieta) também são... umas pessoas maravilhosa. Aqui, é tudo em harmonia aqui, graças a**
170 **Deus, né? (...) Éh::: (...) que eu sinto (...) éh::: relação da saúde, de algum dia... eu num, num pôde mais exercê aquele trabalho que eu faço, a::: a... por exempo, cantá algum dia, que Deus me livre – eu peço a Deus que nunca aconteça isso, de dá um pobrema nas vóis, num pôde saí mais uma vóis assim, esse aí... é só esse o medo que eu... que eu sinto. (...) Sô muito feliz, professora. Muito feliz memo, trabalho aqui – tudo trabalho que eu faço aqui, eu faço cum carinho, ih:::**
175 **através dos carinho, também que eu sinto pelo... pelos, pelos patrão sente pela gente também, a gente sente por eles também, a gente pretende cada vêis... fazê o serviço mais melhor ainda, que é pra agradá mais, nosso patrão, né? Ih... os professores também que vêm, as professoras que vêm aqui também, é... tudos elas e todos eles também (aqui) adoram, DImais os professores da UNIDERP e tanto como professores também... professor também de Brasília, nosso visitante também, a gente adora todos os visitante, que (são) da Argentina aqui, então – poque meu pai é**
180 **argentino, é (...). (...) Felicidade pra mim... é quando eu tô atendeno um grupo bão... um grupo especial, igual veio... o grupo aqui, num é por tá na presença deles aqui, é o grupo da, da**

Argentina, o grupo da UNIDERP junto... com o grupo da Argentina, são pra mim... esse aí é:: é demais né? São esse aí... sinalizado por aí mesmo né? **É bom demais. (...) (...) que eu tava viajano, é:: sozinho, no estradão, até eu vinha de Aquidauana pra Fazenda Iguaçu, que fica pra cá, aí eu ía cruzando dentro do picadão, picadão que a gente fala, é um... estrada dentro do... da mata, sabe? Então eu vinha a cavalo e tava muito escuro e relampiano pá chove... aí no relampiado assim, eu vi que uma onça tava senta no meio da estrada e o cavalo refugô... e eu tava sem esperá, cavalo manso, ele refugô e me joga. Aí eu caí, ainda bem que o cavalo era manso, chegô logo adiante ele parô, né? Aí eu no escuro lá... foi até que eu achei o cavalo, que tava soprano, fui lá peguei ele de novo... e daí no ôtro dia... eu cheguei, consegui chegá na fazenda, aí os pessoal lá vieram no ôtro dia vê ali, ela me seguiu até no portão da fazenda, a onça. Até na chega da fazenda, ela me seguiu. A onça era grande? Sim, sim, era grande, era. É. (...) Não, não. Não via. (...), mais depois via a batida, a pegada. E, aqui no correntoso também, eu escapei de ser pego... por três... o casal e o filhote. Eu ia desceno sozinho de barco, ih::: aí o barco subiu em cima dum toco, eu descí dentro d'água, ergui o barco e quando eu joguei ela rosno, pertinho de mim, tava base duns dez metro longe de mim. Daí, se eu continuasse, num – ela pula ni mim e ía me pegá, por causa que, o rio tava muito estreitinho e tava raso, a água tava aqui assim. (...) É uma onça... é pintada, era o casal. Casal e um filhote... então... aí eu quase eu pensei: eu vô voltá... de vorta, porque ela vai me pegá. Quando eu olhei assim, ela tinha saído... aí eu escondi atrás da borda do barco, fiquei escondido, abaxado, ih::: o filhote veio direto no barco e cherô a borda do barco e eu escondido do ôtro lado, aí veio a mãe e pai também ali, cherô o barco e eu escondido atrás. Eu... falei: hoje daqui eu num... hoje eu tô morto, né? Então, são os perigo que eu já passei no Pantanal, foi esses dois, a cavalo e essa do barco, daqui do correntoso. (...) num tem aquele... o perigo que (vaga) os funcionário, né? Os patrão chega na fazenda, fica por ali, dali a poquinho já vai embora, né? E os funcionário tem que fazê o serviço do dia-a-dia, pra podê mantê... obrigação todo dia, né? Antigamente, tinha os patrão que acompanhava também na ferramenta junto, né? Mais era muito difícil, éh::: no meio... no, no tempo que eu me lembro, foi uns dois, três patrão só que... pegava também, junto com a gente na enxada, no machado, na foice, era junto, né? Então, qué dizê que eles também, esses que pegam junto, qué dizê que eles tão... tão arriscado também, né? De sê picado pelo uma cobra, pelo um... um inseto (...), uma onça, pulá neles por detrás, né? Qué dizê que éh::: só que num é todos, né? (...) em cima do barco, dentro do rio, quando ele veio aqui, olhano no barco, né? Que eu fui (leva) ele (bocô), bocô só a espuma, quase que pegô a minha mão. (Pegou a sua mão?) Não, num chegô a pegá, pegô a espuma que tava na mão. É, foi única vêis. É (risos) foi a única vêis. Éh::: o jacaré ali num é assim::: de atacá, esse, ele foi porque a gente era acostumado, pegá piranha e dá pra ele, então ele acho que... aquela espuma era uma piranha, que eu tava dando pra ele, né? Por isso que ele bocô, que ele – a gente acostumô dá de comê pra ele ali, né? Mais num é que ele VEio ataca, né? Ele veio pensando que era... alguma comida pra ele, né? Então foi o motivo... que ele bocô. (...) Tá veno aquele que tá fazeno a cerca ali, que tá de chapéu grande de palha? (...) É o meu filho... que tá fazeno cerca, ele tá de preitero do dotô Eduardo aí. Então ele mesmo quando ele tá em casa, assim: ô pai, conta aí umas estória aí do... do tempo antigo aí pra nós aí, pai. Aí cumeço a contá pra eles, estória, como foi... a vida, como que eu levei... o mundo, que eu... perdi meus pais, eu tava cum... tava cum seis mêis, de nascido... A... o... essa estória é meia triste, né? Que meu pai matô a minha mãe e suicidô no memo... na mema hora. É... (...) Sim, sim... daí eu fiquei cum... aí eu fiquei triste, cum meus avô... **É só o senhor, ou tinha mais irmãos?** Tinha mais o... tem um irmão e uma irmã. A minha irmã, num conheço ela, porque nunca mais eu encontrei cum ela, num sei se ela é viva... **(Separaram vocês?)** É, é... o meu irmão, mora em Aquidauana... ih::: então eu fiquei, criei cum meus avô, que eles me registraro como filho, né? Ih::: mais graças**

230 a Deus, fui bem criado, bem educado, por eles, né? Só que... era feróis por causa que::
antigamente, os... os antigo era bruto, né? Era em cima da... da regra, num podia saí fora, de jeito
nenhum, tinha que:: se mandasse, falá: você vai lá no bulixo e vorta rapidão, dez minuto, pra
você í lá e vortá... se passasse... já... entrava no rei. Fui criado assim. Mais só que agradeço,
poque se num... se eles num fizesse assim comigo, que... que será de mim? Poque eu era bruto,
235 né? Eu era levado, nem o colégio guentô comigo. Eu só queria briga, queria... né? **E o seu filho,
você criou nesse ritmo?** Não, meus filho eu já criei assim... éh:: contando, pra eles... a
educação: meus filho, tem que sê assim, assim, assim. Só que eles... nunca surrei eles, nunca
judiei deles, eles criaram assim... eu dano, assim... expricações, dano conselho, então, eles chegô
240 onde eles tão hoje, os dois são pedrero, um é carpintero, pedrero e fais cerca, também, o ôtro é
pedrero e marcenero, né? O ôtro trabalha no Indubrasir, lá em Campo Grande. Os dois é casado,
ih:: as filha também tão... que... uma mora em Saloba, pra Miranda e a ôtra tá aqui, trabalha junto
e a caçula tá junto com a ôtra lá também. Então, o:: ensinamento meu pu meus filho foi isso, né?
Você num fais tal coisa, que isso num presta. Companherismo, ajuntamento, isso num leva... a
ninguém. (...) tem muita paciência, né? Então a gente – eu... adoro demais... **Cinqüenta e três**
245 **anos, e o senhor está aprendendo a ler?** É. No momento, tô com cinqüenta e três ano... que a
gente achô uma pessoa, que interessô nos ensiná, eu e o Celso tamo... tamo na... pegano... teno
aula, né? E a dona Tieta é uma pessoa que, ela tem muita paciência ih:: e tem... e ensina aquilo
de carinho pra gente, né? Só a gente procura... aprendê, né? A gente procura aprendê e graças a
250 Deus hoje a gente já tá leno... escreveno um poquinho, devagazinho nóis tamo, né? Pra quem
num sabia nada, hoje a gente já... já vamo falá que nóis já ganhamo o escritório já, né? Graças a
Deus.(...)